

**BRIGAR COM A TEMPORALIDADE
DA IMAGEM**

ESTICAR OS RESTOS



ABRAÇAR

TUDO QUE SEJA BARULHO

TUDO O RASTRO DAS MÃOS

BRIGAR COM A TEMPORALIDADE DA IMAGEM

ESTICAR OS RESTOS

ABRAÇAR

TUDO QUE SEJA BARULHO

TODO O RASTRO DAS MÃOS

Ana Beatriz Campos

Universidade de Brasília
Instituto de Artes
Departamento de Artes Visuais

Trabalho de conclusão do curso de Artes Visuais, habilitação em Bacharelado.
Departamento de Artes Visuais do Instituto de Artes da Universidade de Brasília, sob a orientação
do professor Dr. César Augusto Flores Becker.

Brasília, 2022

à minha mãe, Beatriz, que me alfabetizou
e me presenteou com seu nome
com os livros
com as infinitas possibilidades da leitura

à Josefa Gonçalves, que me realfabetizou
à João Guimarães Rosa, que me realfabetizou
à Lélia Gonzalez, que me realfabetizou
à Clarice Lispector, que me realfabetizou
à Kleber Cavalcante Gomes, que me realfabetizou
à Yasiin Bey, que me realfabetizou numa outra língua
à Isabel Allende, que me realfabetizou numa outra língua

à minha mãe, que me realfabetiza no caminhar da vida
com seu jeito de falar e escrever
crescente em amor, doçura e luta por justiça

AGRADECIMENTOS

agradeço meus pais, Beatriz e Genil, pela vida de acolhimento, amor infinito, música e ensinamentos tão fundamentais. agradeço Maria, minha irmã, pelo imensurável: a companhia maravilhosa em todos os estados e situações. a amizade: com ênfase extrema e completa no significado mais forte da palavra. minha querida e amada amiga e irmã Maria. agradeço Kino, meu amor, por estarmos há 10 anos em uma caminhada e troca de ideias sem fim, descobrindo um bocado de coisa juntos, ainda no gramado do templo do dia que nos conhecemos. às vezes parece que o tempo não passou. agradeço às avós e avôs: Angela Clara, Cleonice, Genil e Wanderley por terem me ensinado a bordar, escrever poesia, criar espaçamento entre a contação de histórias (o que faz delas ainda mais especiais), pelo burburinho lá dentro do peito do que entendem - e me ensinam - enquanto inspiração divina e pela oração que me enche o acordar

"pão a quem tem fome,
fome de justiça a quem tem pão"

agradeço a Zefa, pelo cuidado de toda uma vida e por me confiar - e me ensinar com - suas histórias, graças, tristezas e revoltas. agradeço Tio Zé, meu primeiro professor de artes - pelo incentivo, pelos materiais, pelas importantíssimas conversas, pelas referências, pelo seu olhar inigualável. agradeço às tias e tios (e alguns não-tias-e-tios): Bibi, Rô, Fred, Nonô, Mônica, Rita, Marcelo, Gilson, Lili, Lúcia, Cabeto, Meg, Renato, Fabrício, Docinho, Tio Zezé e Maura - pelo apoio, pela inspiração, pelas oportunidades, pelo amor! agradeço às primas e primos: Aninha, Gabri, Érico, Tito, Ana Paula, Carol, Juju, Lelê, Mateus, João, Nina, Marilu - pelas companhias, conversas e amor gigantesco! aos pequeninos priminhos: Iaiá, Davi, Liz e Claru: por me reensinarem a brincar, a desenhar, a contar histórias! agradeço à minha outra e nova família: Dona Sophia, Carmen, Auster e Tutu - pelo acolhimento e tão felizes momentos juntos! às amigas caminantes que estão sempre perto do meu coração, uma sorte tremenda ter vocês na vida! às amigas de apoios inimagináveis, de amor gigantesco, nos bons e maus ventos da vida: Juju, Caroli, Paula, Malu, Carola, Luiza, Jiu, Carmem, Biamori, Elena, Marcelina, Dodora. agradeço César Becker, orientador desse trabalho: pela paciência, pela parceria, pela compreensão, pela doçura em seu ensinar! agradeço Dalton Camargos pelo espaço, pelas oportunidades. por abraçar as ideias confusas; agradeço Luciana Paiva e Eduardo Guerra pelo olhar carinhoso. agradeço às professoras e professores com quem tive a honra de aprender tanto nesse curso. agradeço os colegas artistas por me ensinarem tanto, também! especialmente as queridas Cecília Lima e BridaAbajur. agradeço à Universidade de Brasília, universidade pública, uma grandeza enorme.

(o papel branco virtual, simulando quê vai ser em materialidade de vida-real, nas mãos. assustando. exigindo que sejam feitos os devidos comuns procedimentos gramaticais, exigindo que as citações se deem de uma forma específica, que os assuntos tenham uma utilidade específica. parece que esse papel virtual não conhece a poesia. parece que eu esqueço que conheço a poesia, às vezes - e quero encaixotar, diminuir, e amassar as palavras: pois tudo que deve caber é urgência. **aqui**: o movimento pelo desespero. justo desespero político: de fome, de matança que não acaba, de matança que escolhe cor, gênero e classe, todas as vezes, daqui de onde escrevo. justos desesperos. a poesia é mergulho em todos eles, atravessadora de tudo quanto é coisa: e deve ser feita como combatadora, arquivadora e lembradora de conjunturas como a que vivemos agora. escrevo pois também preciso me lembrar.)

nota da autora: esse texto contém termos não-existentes no dicionário, pois importa a flexão das palavras pelo bem de sua sonoridade - como recurso poético. é sugerida a leitura em voz alta. o texto é escrito, em sua maioria, em letras minúsculas não para diminuir os termos, as palavras, as importâncias. os autores e suas obras permanecerão referenciados em letra maiúscula.

- menos bell hooks¹, que insiste em ter seu nome de autora escrito em letras minúsculas. insisto, pois, também, que anabi seja escrito em letras minúsculas - como uma des-hierarquização da palavra-nome e das outras palavras que a acompanham, da pessoa e do texto escrito.

aqui:

a pessoa é vetor

as palavras são sujeitos

¹ disponível em: <https://www.washingtonpost.com/lifestyle/2021/12/15/bell-hooks-real-name/> acesso: abril. 2022.

nota da autora 2: esse trabalho, em materialidade de vida-real, é um livro de recortes, grampos e bailarinas - de imagens giratórias, diferentes papéis. essa versão foi editada para que coubesse melhor à sua versão virtual.

resumo: esse texto (e, principalmente ou não, trabalho de conclusão de curso) é o processo dele, em suas frentes e versos e lados e ladainhas das notas de rodapé. em suas conexões com outros textos, em seus desesperos abruptos e automáticos, às vezes, em suas lentas e cuidadosas construções para juntar entendimentos de ensinamentos de outros, outras vezes.

questões e palavras de importância: recorte, colagem, palavra, livro, cinema, cor, textura, abstração, figura, tempo, bordado, zine, memória, retorno, esquecimento.

resumo 2: esse trabalho é uma compilação de estudos (ainda sem conclusões ou respostas - se é que são possíveis conclusões ou respostas) e aprendizados textuais, visuais, sonoros.

resumo 3: uma colcha de retalhos

prometo a mim mesma que esse texto será uma coisa, quando, na verdade, será outra. brigo com o que ainda não sei, às vezes esqueço de abraçar o que sei. mas esse texto não é sobre nenhum conhecimento decorado: é sobre o que foi aprendido e o meio (ou um meio) de se manter os aprendizados, **aqui:** através da materialização: no desenho, na escrita, nas cores e nas formas, na dança: em tudo que traz pra fora, em tudo que põe no mundo, em tudo de ação grande ou pequena que reforça como mentira a argumentação de "natureza-humana", das coisas existindo e se fazendo no vácuo, o talento inato, o dom, o destino-dado: quando é "destino"-*feito* o mundo: em tudo que reforça e relembra a desnecessidade das coisas serem como são e faz criar utopias.

Levi Orthof², no curso *Um plano piloto*³, diz que quando nomeamos, conseguimos olhar.

sua fala me fez lembrar (e sentir) a necessidade da invenção dos nomes: das palavras.

a necessidade da criação, da brincadeira de imaginar e trazer pro mundo - e fazer de invenção mundo real, material, pegável com as mãos, sentido no corpo

² Levi Orthof: artista, pesquisador e professor doutor em artes pela Universidade de Brasília.

vídeo: 6/4 Levi Orthof (curso Um plano piloto). disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=avPDGThAZGU&t=2035s>. acesso: abril. 2022.

³ "O curso Um plano piloto tem por objetivo articular as pesquisas voltadas para a produção poética nas artes visuais, na literatura, na história da crítica, curadoria e teoria da arte."

idealizado pela Galeria Espaço Piloto, localizada na Universidade de Brasília, dirigida pelas professoras doutoras Cecília Mori e Ana Cândida de Avelar.

(o curso, no entanto, localiza-se online).

conduzido pelos professores doutores do Departamento de Artes Visuais da Universidade de Brasília: Emerson Dionísio, Gê Orthof e Karina Dias.

data: 21/1 a 27/4 de 2022.

disponível em: <https://www.youtube.com/channel/UCyCpWly7RYYTcRYgBRQlebg/videos>.

pra conseguir olhar.
pra conseguir *achar*.

em uma de nossas reuniões a respeito desse trabalho e, também na sua fala, (também) no curso *Um plano piloto*⁴, César Becker⁵ estica essa reflexão com uma citação de Penone⁶, que busca a origem etimológica da palavra Invenção, derivada do latim Invenire, que significa *achar*.

achar coisas que já existem
achar coisas que não existem

⁴ Idem item ³.

(guia fundamental para esse texto).

⁵ César Becker: professor doutor na Universidade de Brasília, escultor e orientador desse Trabalho de Conclusão de Curso.

⁶ Giuseppe Penone: artista italiano, escultor.

brincar com as palavras e perder o medo de escrever
dar nome ao que não existe

ainda

aqui quero pensar os processos que dissipam em diferentes materiais, em diferentes experimentações.

o tempo desalongado, fragmentado e espalhado em questões e fazeres: sempre revisitados e misturados depois, em respeito à coexistência intertemporal: a existência conjunta dos três tempos: a existência das coisas - em suas devidas atualizações - nos três tempos.

|

o cultivo da prática de ir acrescentando novas curiosidades à constelação: numa vontade que se alimenta nos/dos dispositivos de abertura.

|

voltar num mesmo livro a vida inteira, em diferentes partes dele. voltar num mesmo filme e, anos depois, vê-lo diferente, ver o que não se viu na outra vez. cada vez de se olhar, descobrir coisa nova que ali já estava.

(em conversa com meu pai que *ouve os mesmos discos há 40 anos ficam cada vez melhores*⁷)

⁷ projeto de lives-entrevistas idealizado por Genil Castro, guitarrista e professor da Escola de Música de Brasília. o projeto ocorreu de maio a julho de 2020.

disponível em: <https://www.youtube.com/user/genilcastro>.

tudo que vai sendo acumulado em cada volta da espiral

essa pesquisa primeira a ser brevemente comentada, pautada na figuração de lembranças, começou há alguns anos.

destrambelhada: sem que eu soubesse dela, sem que eu pensasse sobre o que estava fazendo. foi se desenvolvendo até que compreendesse o que ali se construía, de quais assuntos se tratava e trata e em quais problemas tropeçava e tropeço

seu início se deu em desenhos de lugares não-imaginários, na ilustração de espaços familiares e vivos, no intuito de alargar a lembrança|atrasar o esquecimento.

entendo esse grupo de desenhos, que oscilam e se modificam em forma e material ao longo dos anos, num agrupamento que chamo de *quatinhos* (título não muito bem pensado e planejado, que surge da legenda de uma imagem de um desses desenhos que foi postado no aplicativo *instagram*, quando ainda não entendia essa série enquanto uma possível pesquisa - título que permanece na falta de outro:::

com carinho ao descaso dado à legenda de *instagram*).

a coluna vertebral da série estrutura-se na dinâmica da história em quadrinhos: numa narrativa - nesse caso, comumente autobiográfica ou confessional - que constrói-se em pequenos quadros, na fragmentação de um momento, tentando fazer que a representação figurativa dê conta de guardar a lembrança,

tentando|aspirando|sonhando uma temporalidade cinematográfica na folha de papel.

aos poucos, fui acrescentando e exercitando o vazio, os espaços abertos, incorporando e aceitando o esquecimento, a distância que ia se criando entre o agora e os acontecimentos, os dias passados, retirando determinados lugares desenhados de suas respectivas narrativas e contextos visuais, isolando-os: sintetizando (e talvez escondendo) a memória num lugar que só eu sabia qual era. truque para que fosse feito o compartilhamento do desenho sem a entrega completa da narrativa que nele era guardada, sem sua total abertura, em abraço às suas partes esquecidas. buscando por uma movimentação semelhante ao agenciamento do tempo na memória: embaralhador de acontecimentos e de suas respectivas temporalidades.

1. em entrevista⁹, a professora Jeanne Marie Gagnebin¹⁰ nos ensina a respeito da intrusividade da memória. em seu exercício há a coexistência paradoxal de movimentar-se passiva e ativamente - fator que impossibilita uma "curadoria" precisa de lembranças, de "imagens mnêmicas".

2. a confusão que ocorre no ato de lembrar reside também no condicionamento (e influência) por parte do momento presente na estruturação do passado na memória: questão que a professora cita, através das palavras de Walter Benjamin, em seu artigo "verdade e memória do passado"¹¹. Benjamin escreve: "a história é objeto de uma construção cujo lugar não é o tempo homogêneo e vazio, mas aquele preenchido pelo tempo-agora [jetztzeit]".

⁹ Na Íntegra - Jeanne Marie Gagnebin - Memória. por UNIVESP. disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=b_v0-t2vnWY. acesso: mar. 2022.

¹⁰ Jeanne Marie Gagnebin: professora, filósofa e escritora. Natural da Suíça, reside no Brasil desde 1978.

¹¹ GAGNEBIN, Jeanne Marie. Lembrar escrever esquecer. Página 41. São Paulo: Editora 34, 2006.

3. outra questão fundamental tratada por Gagnebin (na entrevista referenciada anteriormente) é a impossibilidade da dissociação da "nossa história individual da história do entorno social", em suas palavras. há a possibilidade de se fazer recortes de lembranças da vida afetiva-individual, no entanto, até mesmo estes são "impregnados|embebidos|atravessados pelo meio social no qual crescemos e vivemos".

|
neste trabalho e nos processos de estudos visuais procuro compreender essa movimentação que ocorre entre o individual e o coletivo, o pequeno e o grande, os atravessamentos do íntimo nesse grande corpo social.

4. Walter Benjamin¹² debruçou-se inteiramente à agonia do passado de elaboração injusta favorável aos vencedores: "emudecedor de vozes".

qual o algoritmo comum no emudecimento dessas vozes?

qual o espaço do íntimo no processo coletivo?

¹² Walter Benjamin: crítico literário, filósofo e militante marxista (1892 - 1940).

"Não existem, nas vozes que escutamos, ecos de vozes que emudeceram?"

"Há um quadro de Klee que se chama Angelus Novus. Representa um anjo que parece querer afastar-se de algo que ele encara fixamente. Seus olhos estão escancarados, sua boca dilatada, suas asas abertas.

O anjo da história deve ter esse aspecto. Seu rosto está dirigido para o passado. Onde nós vemos uma cadeia de acontecimentos, ele vê uma catástrofe única, que acumula incansavelmente ruína sobre ruína e as dispersa a nossos pés. Ele gostaria de deter-se para acordar os mortos e juntar os fragmentos. Mas uma tempestade sopra do paraíso e prende-se em suas asas com tanta força que ele não pode mais fechá-las.

Essa tempestade o impele irresistivelmente para o futuro, ao qual ele vira as costas, enquanto o amontoado de ruínas cresce até o céu. Essa tempestade é o que chamamos progresso."



Paul Klee
Angelus Novus
1920
transferência de óleo e aquarela sobre papel
31.8 x 24.2 cm

disponível em: <https://www.imj.org.il/en/collections/199799>. acesso: maio. 2022.

o lembrar e o esquecer não são separáveis, estão juntos, são dialéticos | movimentação oscilante entre as confusões da memória e a revisitação dos registros factuais | o chão histórico que permeia a memória | exercício poético|visual: incorporação de imagens (sendo figuras ou palavras) de introjetos|intrusos que aparecem nos processos de rememoração | a mistura do que é intencional e pré-planejado com os pensamentos que surgem abruptos em meio aos fazeres | e os espaços vazios do esquecimento: insistentes.

alguns anos depois do início da prática de desenhar os *quartinhos*, aprendo sobre as técnicas mnemônicas desenvolvidas na antiguidade: através da citação do livro *Ad Herennium* (ca. 86-82 a.C.), de autor desconhecido, trazido e explicado em seu fragmento à respeito das técnicas da memória no livro da filósofa Frances Yates¹³: "A Arte da Memória"¹⁴.

em movimentação de abertura e busca por outras questões a respeito do lembrar

as técnicas mnemônicas para o treinamento da memória, (um dos mais importantes tópicos a comporem o estudo da retórica) no intuito de alargar sua possibilidade referente ao espaço da memória na cabeça - a "estocástica" (no sentido de estocar¹⁵) - construía-se a partir do exercício da lembrança da constituição arquitetônica de determinado lugar. no exercício de afinar a memória artificial¹⁶ à ordem dos fatos.

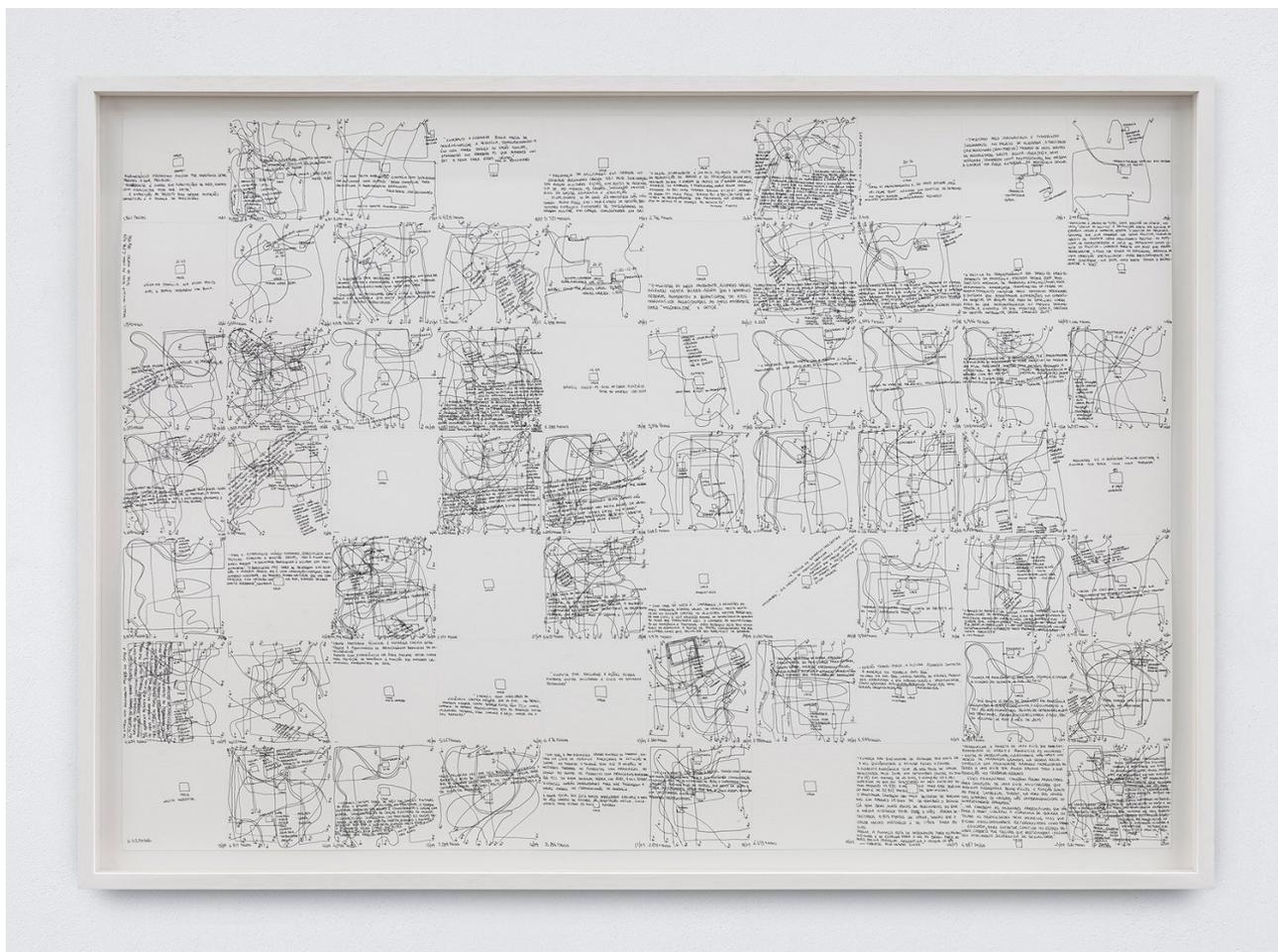
(processo que me remeteu de imediato a como se dão os *quartinhos*).

¹³ Frances A. Yates (1899 - 1981) foi professora do Instituto Warburg da Universidade de Londres.

¹⁴ YATES, Frances. A Arte da Memória. Campinas: Editora UNICAMP, 2007.

¹⁵ termo utilizado pelo professor e filósofo Vladimir Safatle em palestra, ao comentar a respeito do livro referenciado acima: vídeo: Presente, pós verdade e experiência de passado com Vladimir Safatle. por SESC SP. disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=E9GWv_ymJeQ&t=2526s. acesso: fevereiro. 2022.

¹⁶ "A memória artificial fundamenta-se em lugares e imagens, definição básica que será seguida no transcorrer do tempo. Um *locus* é um lugar facilmente apreendido pela memória, como uma casa, um intercolúnio, um canto, um arco, etc. Imagens são formas, signos distintivos, símbolos (*formae, notae, simulacra*) daquilo que queremos nos lembrar." página 23 do livro "A Arte da Memória".



Ana Amorim
70 Dias
2020
Caneta esferográfica de tinta gel preta permanente (Pilot G-2) sobre papel branco
70x100 cm
(detalhe)

disponível em: <https://www.instagram.com/p/CcX2-Xyr7ev/?igshid=YmMyMTA2M2Y=> acesso: abril. 2022.

outra questão fundamental para a construção deste bloco de questões sobre a memória é o importantíssimo termo que nos ensina Christian Boltanski¹⁷: a *pequena memória*¹⁸.

em seu trabalho, constrói-se em uma onda dialética que oscila entre a pequena e a grande memória e as condensa - talvez pelo fato de nunca estarem, de todo, separadas. como apontado anteriormente por Gagnebin.

Boltanski faz inventários de objetos de pessoas anônimas, prezando pela justiça à pequena memória do sujeito que tinha sapatos, roupas, documentos, chaves, chinelos, um tabuleiro de xadrez...

pessoas que foram retiradas de seus cotidianos e tiveram suas vidas interrompidas injusta e violentamente. as vozes emudecidas.

constitui-se na junção de diversas peças representativas de pequenas memórias, de pequenos tesouros, que compõem profundos comentários e registros a respeito da *grande memória*, a memória guardada nos livros de história, como ele mesmo diz.

a *grande memória* que permeia o trabalho do artista é frequentemente relacionada às vítimas desaparecidas e mortas em decorrência do autoritarismo político, especialmente no contexto da Segunda Guerra Mundial, que atravessou a infância do artista. Boltanski, no entanto, não fechava o sentido de suas obras nesse tema.¹⁹

nessa mesma procura dos atravessamentos entre a pequena e a grande memória, a artista Hông-Ân Tru'o'ng²⁰ pesquisa o trauma coletivamente vivido e deixado por gerações devido à violenta invasão dos japoneses na China, na Segunda Guerra Sino-Japonesa.²¹

¹⁷ Christian Boltanski: artista multidisciplinar francês (1944 - 2021).

¹⁸ "What interests me, and what I try to talk about, is what I call "small memory". This is what differentiates us one from another. The great memory can be found in history books, but the hoard of small bits of knowledge that each one of us has accumulated makes up what we are."

"O que me interessa e o que eu tento falar a respeito, é o que chamo de pequena memória. É o que nos diferencia uns dos outros. A grande memória pode ser encontrada em livros de história, mas o tesouro secreto das pequenas partículas de conhecimento que cada um de nós acumulamos é o que nos constitui."
(tradução livre da autora)

disponível em: <https://www.macba.cat/en/art-artists/collectables/christian-boltanski> acesso: abril. 2022.

¹⁹ disponível em: <https://www.nytimes.com/2021/07/15/arts/christian-boltanski-dead.html> acesso: abril. 2022.

²⁰ Hông-Ân Tru'ông: artista e professora na Universidade de Artes da Carolina do Norte, nos EUA.

²¹ vídeo: IMMA Art | Memory | Place : Artist's Interview with Hong-An Truong disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=hF9V6uRs4z8&list=PLiubGnsJn2eWI1-uaTnHVkWF74AlfIWhj&index=12&t=69s> acesso: abril. 2022.

"De certo modo, o agenciamento das roupas propostos por Boltanski aborda a perda do direito pela dignidade dos corpos. Tais instalações são, segundo o artista, a aparição dos corpos ausentes, a passagem do ser ao não-ser. As roupas como corpos desvelam a negação da história e a dimensão pós-humana pela aniquilação do sujeito. O problema fundamental que se coloca por intermédio das roupas-corpos seria a figurabilidade da morte como dispositivo de memória. As roupas são agenciadas pelo artista como documento do extermínio em massa e esses corpos-roupas expressam o que foi dito por Agamben (2008, p. 43), ou seja, elas são uma alegoria do testemunho de todas as pessoas que não puderam testemunhar. As roupas são o corpus político de uma memória preservada pelo imaginário da arte, tornando-se os agentes da posição política das imagens criadas pelo artista. As roupas são a lembrança da morte dos corpos."



Christian Boltanski
Personnes
2010
instalação

disponível em: <https://artreview.com/at-once-funny-and-melancholic-remembering-christian-boltanski-1944-2021/> acesso: abril. 2022.

"Politics is really about this battle of images - what we're allowed to show and what's allowed to be remembered. A lot of my practice revolves around this concept and is compelled by questions usually that are provoked through an object or a document or a historical fact or material that feels contested."

"Política é uma batalha de imagens - o que é permitido mostrar e o que é permitido ser lembrado. Muito da minha prática gira em torno desse conceito e é impulsionada por questões provocadas por um objeto, ou um documento, ou um fato histórico, ou um material que é contestado."

(tradução livre da autora)

TRUONG, Hong-An. vídeo: IMMA Art | Memory | Place : Artist's Interview with Hong-An Truong . disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=hF9V6uRs4z8&t=380s> acesso: abril. 2022.



The time was 9 a.m., on December 13, 1937.

Around 9 a.m., almost 10, our family had just finished breakfast, and had nothing to do.

Hong-An Truong
Tell Me Terrible Things They Have Known
2016
vídeo-instalação

disponível em: <https://vimeo.com/152440592>
acesso: abril. 2022.

a procura da máquina do tempo de justa elaboração do passado

em um sistema e, conseqüentemente, conjuntura política inevitavelmente material e atravessadora, que insiste em tantas perguntas referentes às lacunas da memória, à rejeição da memória, à falsa elaboração da memória, sobretudo nessa delimitação espacial que chamamos de brasil: não vejo outra opção a não ser a insistência nessa questão infinita.

"A pergunta "O que significa elaborar o passado" requer esclarecimentos. Ela foi formulada a partir de um chavão que ultimamente se tornou bastante suspeito. Nesta formulação, a elaboração do passado não significa elaborá-lo a sério, rompendo seu encanto por meio de uma consciência clara. Mas o que se pretende, ao contrário, é encerrar a questão do passado, se possível inclusive riscando-o da memória. O gesto de tudo esquecer e perdoar, privativo de quem sofreu a injustiça, acaba advindo daqueles que praticaram a injustiça."

"Em tudo isto, entretanto, o discurso do complexo de culpa contém algo de irreal. Na psiquiatria, de onde se originou, significa que o sentimento de culpa é doentio, inapropriado à realidade, ou, como dizem os analistas, psicogênico. Graças ao termo complexo cria-se a impressão de que a Culpa — cujo sentimento tantas pessoas recusam, procuram absorver ou deformar mediante as racionalizações mais imbecis — na verdade não seria uma culpa, mas estaria somente na constituição anímica das pessoas: o terrível passado real é convertido em algo inocente que existe meramente na imaginação daqueles que se sentem afetados desta forma. Ou então a própria culpa seria ela mesma apenas um complexo, e seria doentio ocupar-se do passado, enquanto o homem realista e sadio se ocupa do presente e de suas metas práticas. Esta seria a moral daquele "é tal como se não tivesse ocorrido", uma frase de Goethe mas que, pronunciada numa passagem decisiva do *Fausto por Mefisto*, revela o princípio interno mais profundo deste, a destruição da memória."

resumo 4: este trabalho é, ou quer ser, portanto, um registro de minha pequena memória e a busca pela ampliação em estudos de memórias mais largas, coletivas. pensando os números tão expressivos de "vozes emudecidas" pelas "vozes que escutamos", como aponta Benjamin em seu ensaio "Sobre o conceito de história"²²

a temporalidade deste trabalho é longa, entendo aqui como um possível começo

²² ensaio disponível em: <https://jacobin.com.br/2021/07/sobre-o-conceito-de-historia/> acesso: março. 2022.

pensar o espaço de elaboração auto-biográfico|confessional e, sobretudo, individual da pequena memória (diferente da de Boltanski - nessa, em registros feitos pelo próprio sujeito): como nas obras de José Leonilson

'entregar o coração nas mãos das pessoas
nos olhos das pessoas'

como o indivíduo em seu íntimo|confessional pensa a sua pequena memória?

cria

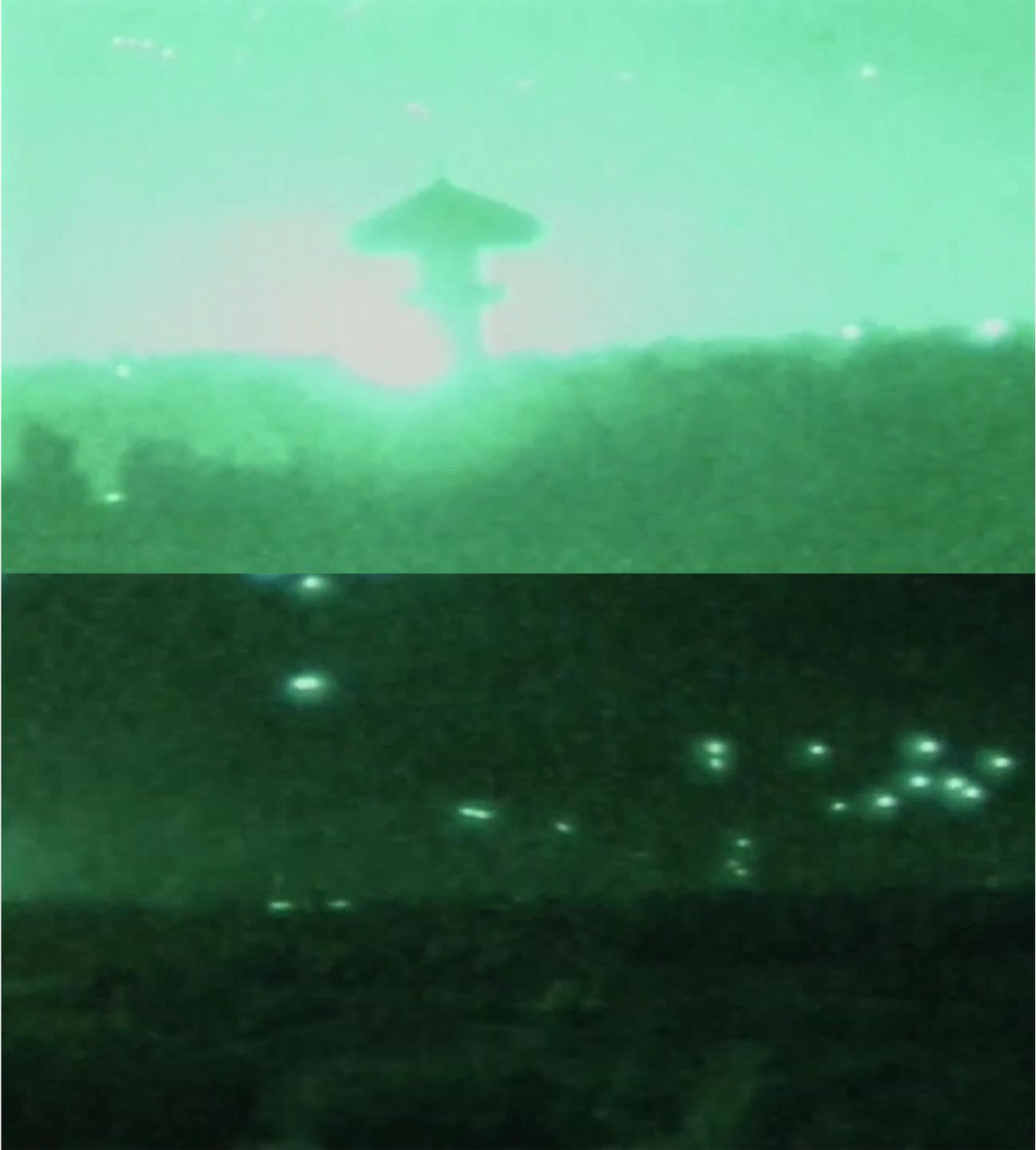
elabora

pegar emprestadas memórias de outras pessoas (existentes ou não) através da arte: da leitura, da escuta, do mergulho

"(...) tem um cara que dedica o tempo dele pra fazer uma obra de arte, uma coisa delicada...uma coisa amorosa, romântica, assim, sabe?! Um coração. E...coloca isso a público, assim, entrega, assim, o coração dele nas mãos das pessoas, nos olhos das pessoas."



fragmentos do filme *A Paixão de JL* (2015). Direção: Carlos Nader. disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=sNUy1un51w&t=2479s> acesso: abril. 2022.



fragmentos do filme *A Paixão de JL* (2015). Direção: Carlos Nader. disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=sNUy1un51w&t=2479s> acesso: abril. 2022.

emprestar memórias



JOSÉ LEONILSON

Para o meu vizinho de sonhos

c.1991

bordado e costura sobre feltro

89 x 38 cm

disponível em: <https://mam.org.br/acervo/cm2006-220-leonilson-jose/>
acesso: abril. 2022.

"(...) há que se perceber um corpo a partir de suas mudanças de estado, nas contaminações incessantes entre o dentro e o fora (o corpo e o mundo), o real e o imaginado, o que se dá naquele momento e em estados anteriores (sempre imediatamente transformados), assim como durante as predições, o fluxo inestancável das imagens, oscilações e recategorizações."

das técnicas e materiais que me cativam, me trazem curiosidade às mãos e aos olhos: todos são motivados por essa tentativa de dar conta do problema interminável que é a memória.

lista de importâncias

a transparência: a imagem saindo de um lado pro outro: a imagem se misturar aos envoltas dela, com as mãos de quem passa a página do livro. o bordado: o desafio de velocidade que me é estendido: a agulha obriga uma atenção, um tempo, um cuidado. é possível fazer tricô assistindo a televisão, é impossível costurar de agulha fina assistindo alguma coisa. a agulha fura os dedos como quem chama a atenção, como quem dá uma bronca e obriga a voltar à meditação, ao presente. a textura da parte de trás do tecido da tela combina tão bem com o pastel oleoso, as texturas se combinam: em atrito. pastel oleoso quase que obriga a mão a dançar, a correr solta pelo papel, pelo tecido (aqui com mais insistência e força). a cor é mistério. o erro é o sinal de vida. mas é difícil não se importar com o resultado bonito, então muito daqui são mecanismos para driblar o que parece que construiria, exatamente, a *ideia* inicial. (a ideia que pensa o bonito. os erros do processo são os verdadeiros fazedores das coisas. um processo que sabota a ideia inicial?) volto sempre ao livro, zine, que é onde me sinto guardada e acolhida, ao mesmo tempo que desafiada a criar novos desvios para este processo. sonho frequentemente que estou fazendo zines com materiais que não conheço na vida real. no som²³, os instrumentos são tocados e as edições são feitas anarquicamente. na elegância ou atrevimento de não entender os termos técnicos dos programas de edição, na tentativa que não compreende quê poderia ser erro sonoramente.

²³ estudos sonoros feitos para a disciplina Sonoplastia do Departamento de Artes Cênicas disponíveis em: <https://soundcloud.com/naboia>

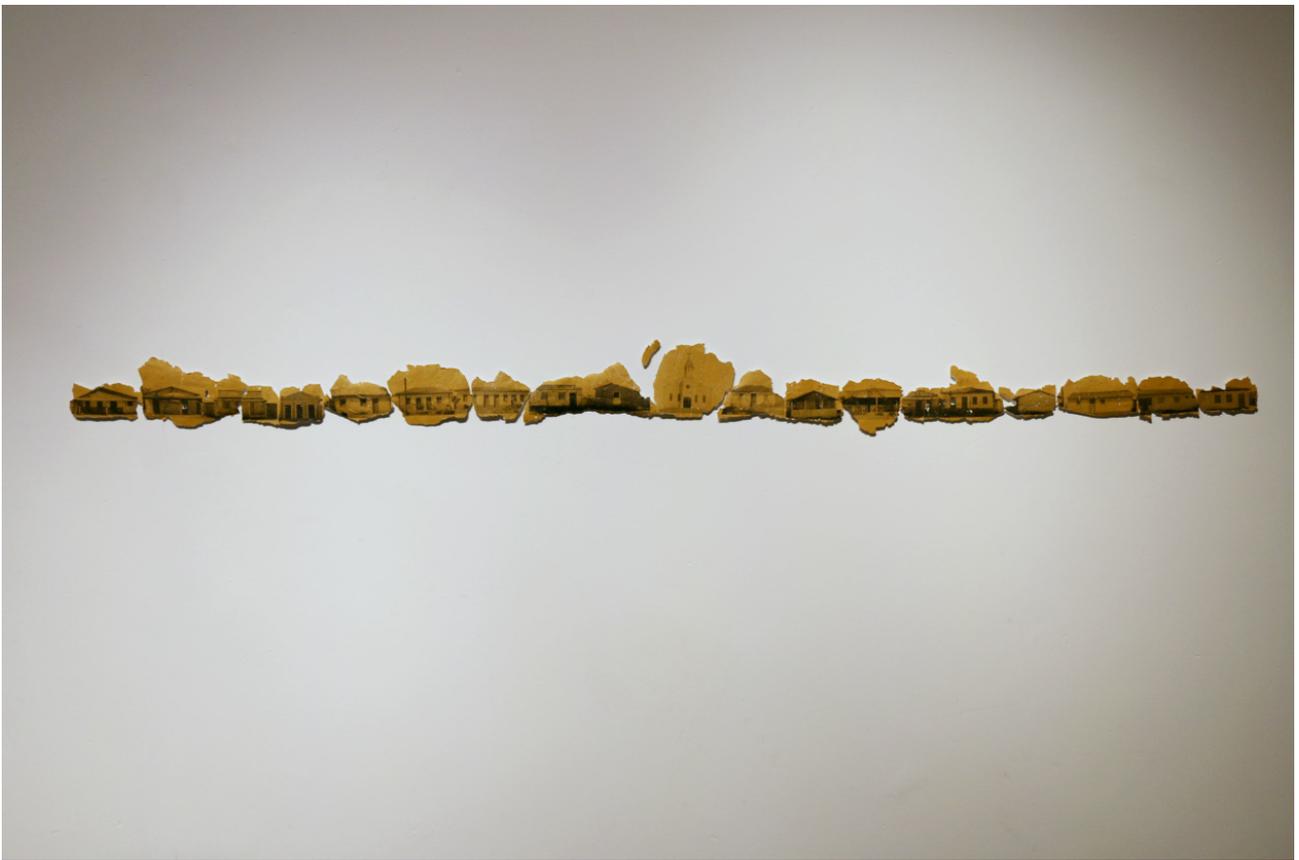
aqui: da importância do registro, do arquivo, da dos documentos, dos assuntos, das dores e dos lutos. da reexistência na lembrança. a insistência na lembrança.

"At the same time it is [the work] a personal memory and a collected memory. What is beautiful when you're an artist, is that you speak about your own village but becomes a village of everybody."

"Ao mesmo tempo é [o trabalho] uma memória pessoal e uma memória coletiva. O que é lindo quando você é um artista, é que você fala da sua própria vila - que torna-se uma vila de todos."

(tradução livre da autora)

BOLTANSKI, Christian. vídeo: Christian Boltanski – Studio Visit | TateShots disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=i8IbN7HNIhM> acesso: abril. 2022.



Iris Helena

VIZINHANÇA

Impressão jato de tinta sobre 19 pedaços de cascas de parede de ruína

8,5 cm x 185 cm.

2015

disponível em: <http://cargocollective.com/irishelena/vizinhanca> acesso: abril. 2022.

"(...) for me at least that's what the Knausgård's books felt like it erased my own thoughts. I felt like whenever something was happening in his book it would give me *deja vu* but about his memories, like they were my thoughts. That is the magic of that [autobiographical] approach - is that it can totally erase the reader and bring them into a whole other reality."

"(...) para mim os livros de Knausgård faziam sentir como se apagassem meus pensamentos. Quando algo estava acontecendo no livro, eu tinha *deja vus* de suas memórias, como se fossem meus pensamentos. Essa é a mágica dessa abordagem [autobiográfica] - ela consegue apagar o leitor completamente e trazê-lo à uma outra realidade."

(tradução livre da autora)

ELVERUM, Phil. vídeo: OUMDS Presents: A chat with Phil Elverum (The Microphones / Mount Eerie). disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=ePDrA__ELD4. acesso: abril. 2022.

a bagunça dos horários acordados de entender alguma coisa: são quase 5 da manhã

me pergunto se esses textos terão espaço no tcc, também. tenho texto espalhado por tudo quanto é lado, um tremendo espalhamento de pensamentos.

exercício de revisitar os antigos trabalhos e cadernos, volto, revejo, repasso e entendo que a forma da construção sonora do Animal Collective²⁴ é do que quero fazer visualmente, assim como Phil Elverum²⁵ e a ânsia de captar o espectro inteiro do que é a vida humana na terra: a bagunça, o barulho, o silêncio, a maneira de compor constantemente abraçando a intertextualidade, misturar o pensamento com o pensamento dos outros, caminhar com as referências nos ombros e nos pés - em sentimento e vivência cotidiana.

as colagens que faz Maria Chavez²⁶ no toca discos: em seu processo de quebração de discos de vinil e montagem|junção deles na vitrola e criação de suas esculturas sonoras invisíveis.

qual a forma das esculturas invisíveis?

(pensando brevemente sobre a transposição de qualidades sonoras para as mãos, para o corpo, para os olhos)

questões e palavras de importância (que atravessam a gramática sonora e visual): ritmo, espacialização, granulação, sobreposição

²⁴ Animal Collective: banda estadunidense do que é compreendido enquanto "pop-experimental" constantemente atravessados por/e atravessadores da temática do tempo, da memória, da infância, da nostalgia: em elementos líricos e sonoros: o espalhamento colorido nas distorções dos instrumentos, elementos eletrônicos quase sempre presentes. canto que procura o canto difônico; canto que também se faz em fala, sussurro, é robótico, é uma repetição caótica de berros. a mistura de várias cores sonoras, a granulação, a frequente repetição lírica e melódica.

vídeo: Animal Collective Live Paradiso Amsterdam 2009 03 17 disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=5GFut7ANtBU&t=11s> acesso: abril. 2022.

²⁵ Phil Elverum: compositor, fotógrafo, ilustrador e tem dois principais projetos musicais complementares: The Microphones e Mount Eerie, bandas compreendidas enquanto "folk" (às vezes *indie*). ambas se constroem em volta de uma permanente qualidade autobiográfica e confessional. Elverum explicita/enfatiza, no entanto, a intertextualidade presente em seu processo composicional, como por exemplo em 1 "Voice in Headphones" do álbum *Lost Wisdom*, de 2008, assim, como em 2 "Belief" do álbum "*Lost Wisdom, Pt. 2*", de 2019. Na primeira, é citado (em repetição, como um mantra) o verso "It's not meant to be a strife. It's not meant to be a struggle uphill." tirado (emprestado) de "Undo", canção do álbum "*Vespertine*" de Bjork. Em "Belief", Phil cita o verso do poema de Joanne Kyger:

"Joanne Kyger said

We fight incredibly through a hideous mishmash of inheritance

Forgiving for deeper stamina

That we go on

The world always goes on

Breaking us with its changes

Until our form, exhausted, runs true"

vídeo: Mount Eerie - Voice in Headphones disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=TW8US6ICao4> acesso: abril. 2022.

vídeo: Belief disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=a_pMd409bhM acesso: abril. 2022.

²⁶ Maria Chavez é artista sonora, visual e performer.

"Não estou interessada em criar *samples* que façam formas musicais, estou interessada em capturar momentos e incorporar o acaso e os acidentes a esses momentos - para que as peças sonoras se criem por elas mesmas. Criando esculturas feitas de vibrações." (tradução livre da autora)

vídeo: New Sounds Presents: Maria Chavez

disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=ruDZM-mrTpA&t=309s> acesso: abril. 2022.

"A criança tentando tirar uma melodia no piano fornece o paradigma do verdadeiro trabalho de composição. Na tentativa, na hesitação, mas com memória precisa, o compositor busca o que sempre estava lá e o que agora ele deve recuperar nas indistintas teclas pretas e brancas à sua frente."

a abertura era de esperança tamanha, que dói lembrar. quero me misturar com o mundo. era quê queria, ali. em sonho de outro tempo, de outro sonho, de outro mundo. os chãos em latência de presentes, a tentativa falha de aterrar pra dar conta do instante. a lembrança que se insiste pelo posicionamento das coisas e dos corpos.

a terra é aberta aos ares, tudo cabe. tudo cabe. de corpo que nasce no incerto de abismo-bom, de terreno a se criar, de mundo a se fazer - vai se contaminando, numa bruteza, numa rapidez. quando viu, já era outra coisa, odioso de si. aprender, em brutalidade, as tristes funções e utilidades de um corpo. corpo é pra ser inútil, dançante e vivo. fazedor e criador de inutilidades, de novas brincadeiras, de sonhos, de imaginações. aprender-forçado e dissociar do próprio corpo através do toque alheio, desavisado, invasor. criador incisivo de espaços que não se fecham. a abrigão de espaço é tão bonita, quando amorosa, quando escolhida. as formas são compreendidas pelo que é externo, pela legislação desoficial das coisas. são leis, ainda assim. e daí de entrar nessa funcionalização, nessa burocracia toda da existência. ser corpo às vezes é muito triste.

"(...) Miguilim tremia receando os desatinos das pessoas grandes."

acordo no meio da noite. acordo já lembrando e pensando na importância dos desenhos miúdos feitos no canto dos cadernos, desde criança. lembro da importância da sustentação desse corpo. vida muda tempo todo e eu tô aqui pra ver tudo. tiro muito tempo fora do que amo em dificuldade e isso me fere. algumas noites acordo pra lembrar a importância das cores, das formas, texturas, volumes, repetições, linhas. de tudo que é colocado sem tanta premeditação - ou nenhuma (pensar, no entanto, tudo que mora dentro da intuição, tudo que a constrói - dos introjetos às elaborações e aprendizados mais longos, mais pensados). escolhi de pé junto a espera do que vem em futuro. uma coisa de cada vez. agora tô aqui, acordada, a noite, relembro essas importâncias. querendo nunca esquecer. eu sei mais ser desenho que corpo. eu sei mais ser cor que corpo. eu sei mais ser livro que corpo. que cheiúra algumas coisas do mundo. invento lugares em mim. crio espaço no corpo, pra inventar mais lugares. a presença do corpo tanto me importa. vejo que nem no trabalho de Agnès, no registro que faz de sua mão do lado de fora da janela do carro, capturando os caminhões que passam: entendendo o tempo de sua mão, de sua pele, entendendo o tempo em seu corpo. ainda bem que eu vi. espero que eu não abandone os corpos desenhados, que querem tanto entender seus mistérios. quero, também, entender meus mistérios. passeio pelas imagens e entendo tantas reações, as junções dos três tempos, os restos de trauma no corpo. nasci sem saber ser corpo. tô aprendendo.

procuro a identificação e, no caminhar desse mesmo processo, a desidentificação. pertencço e me desloco de tal pertencimento.

procuro dentro quê existe fora e fora quê existe dentro. tento entender as localizações internas, muitas vezes ainda existentes e insistentes em certos lugares do corpo. os pés descalços e andantes pras decisões. as pernas doídas em tantas aberturas confusas. o relato do dentro misturado com fora. é relato, passagem, relato miúdo. tenho de contar e de me lembrar: da diminuição não atingir ponto de inércia, de desistência. não tem problema ser no mais confessional. é um sintoma que procuremos por acolhimento e identificação nas coisas. é elaboração pro futuro isso. eu faço quê existe em mim agora, reciclo sentimento passado, misturo os três tempos porque tudo é aqui e tudo segue existindo em mim, em partes específicas do corpo.

a ideia desponta tão feliz. aprender a abraçar também os tropeços de todo processo: abraçar, de verdade, forte, inteiro. assim que construí os relacionamentos, que nem tava conversando com Maria hoje. às vezes não sei abraçar os tropeços. os três tempos são juntos, tudo é aqui, mas tem importância no esquecimento, em deixar ir, corpo se despede, se reconstrói, se reergue, volta outro, cria espaço, guarda a lembrança, ainda que fisicamente tenha se reconstituído.

quero fazer tanta coisa. agradeço ao mundo por ser vasto. agradeço ao corpo por ser, também, vasto. e mutante.

invento de cozinhar. invento de fazer tricô. volto ao Rosa.

ao Rosa, volto, sempre.



fragmentos do filme *The Gleaners And I* (2000). Direção: Agnès Varda. disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=MWgKP3Pu_w acesso: abril. 2022.



fragmentos do filme *The Gleaners And I* (2000). Direção: Agnès Varda. disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=MWgKP3Pu_w acesso: abril. 2022.

"O cronista que narra os acontecimentos, sem distinguir entre os grandes e os pequenos, leva em conta a verdade de que nada do que um dia aconteceu pode ser considerado perdido para a história. Sem dúvida, somente a humanidade redimida poderá apropriar-se totalmente do seu passado.

Isso quer dizer: somente para a humanidade redimida o passado é citável, em cada um dos seus momentos. Cada momento vivido transforma-se numa *citation à l'ordre du jour* - e esse dia é justamente o do juízo final."



Emily Jacir

Memorial para 418 Vilas Palestinas Que Foram Destruídas, Despovoadas e Ocupadas por Israel em 1948

2001

Barraca de refugiados, linha, livro de registros
dimensões variáveis

disponível em: <https://www.documenta14.de/en/artists/22266/emily-jacir> acesso: abril. 2022.

bell,

acredito que aí não se fale inglês, nem português, nenhuma língua. escrevo pra você uma carta que queria que chegasse até você em sentimento, nesse outro plano. nesse fim. nesse começo. nesse o-que-for. foi ao fundo de minha desesperança, medo e confusão que soube do teu nome, da tua existência, do teu trabalho. maria me apresentou ao seu artigo, félix postou sobre um de teus livros. fui junto, em encontro às mentes deles. ganhei um de seus livros, que veio bem de longe, trazido de seu país por minha irmã, que passou pra visitar. demorei para abrir a embalagem, demorei para abrir o livro, demorei para começar a lê-lo. os livros estadunidenses costumam ter essas edições tão maravilhosas e molenguinhas, de papel fino. chegou numa novura: o cheiro maravilhoso. demorei a cheirá-lo. depois que ele chegou, muitas turbulências se deram. fiz muitas delas se darem. já não sabia mais quê era eu fazendo, quê me acontecia - os limites das escolhas, não sabia. se existiam escolhas, não sabia. uma confusão tremenda me tomava, me guiava, me fazia querer morrer. machuquei tantos amores nesse triste tempo. fui embora, então, por um pouquinho. levei o livro junto, na esperança de finalmente ter coragem de entrar nele, de mergulhar. esse mergulho trouxe à superfície tanto que eu não sabia alcançar em mim, no entendimento de mundo, em tudo. em "tudo sobre amor" sua escrita me ensinou sobre algo que eu antes sequer imaginava. uma concepção de amor, de responsabilidade, de ação que antes me eram tão estranhas. mergulhei fundo em memórias, em questões - sobre amores passados e presentes, amores de amigos, amores de famílias, amor de mim. li quase todos os capítulos, exceto o do luto - que só tive coragem de ler mais tarde, bem mais tarde. tempo depois li "ensinando a transgredir" e o mergulho foi outro. me entendendo enquanto estudante e enquanto possível-professora, querendo me espelhar em você, na sua didática, nos seus saberes, em tudo que você é. não gosto de direcionar a crítica de acessibilidade a quem faz os trabalhos - aos autores, artistas, etc - entendo que essa questão, é, na verdade, um problema sistêmico e não um problema referente à linguagem "escolhida" por quem faz o trabalho em questão. por outro lado, entendo a continuidade cansativa e tantas vezes desnecessária dada a um formato tão fechado e específico de "teoria acadêmica", essa questão estende-se também aos assuntos e como são tratados. mudanças cabem mais aos que ali estão há mais tempo e o grupo que ali está há mais tempo é bastante específico. tudo isso é verdade. é verdade também que admiro tão imensamente sua forma de escrever. por muitos entendida como tão simples, eu a entendo enquanto muito complexa. a profundidade de mergulho nos assuntos é tanta. é tão estranho pensar a sua inexistência física nesse mundo - ainda que eu nunca a tenha presenciado. daqui você é e sempre foi uma certeza de existência que não se materializa aos meus olhos, mas se materializa tão enormemente em uma sabedoria escrita, diagramada, editada, folheada. hoje aprendi sobre a sua humanidade. sobre seu corpo físico, material, existente, real, humano. espero que a lembrança pelo trabalho não te fira. imagino que os que te amaram e amam o fizeram de perto, imagino lembrem de você em tantas felicidades, em tantos amores, em tantas maravilhas...mas entendo também que, em alguma medida, era impossível a não-relação do seu trabalho com você-pessoa, assim como você ensinou, tantas vezes: práxis, a junção de corpo e mente (ou a nunca-separação-de-corpo-e-mente), de pessoal e público. tão profundamente, como tudo. obrigada por todo o ensinamento que por vezes me atravessa em minha fala, em minhas ações, em meus pensamentos, em inspiração para pensar trabalhos, pinturas, palavras, imagens, fotos, questões-e-trecos-quaisquieres. que bom que você existiu. que sorte a minha de ter chegado em um mundo no qual você existia, no mesmo tempo histórico, só dois anos antes de você lançar o "tudo sobre amor". sou sortuda pelo acesso, pelo encontro. penso como ampliar esse encontro, como fazê-lo um encontro possível a outras tantas pessoas. o fluxo não deve nunca ser interrompido. os professores, e estudantes, contudo, devem ter seus devidos tempos de aprendizado, absorção e autoatualização, como você ensina. você ensina o tempo. obrigada. pelo tempo. pelo trabalho. pela mente. pela sensibilidade. pela revolta. pela justiça. pela crítica. pelo amor.

o dia de sua passagem veio de encontro ao aniversário do meu pai, imenso professor. quero guardar aqui o meu acordar, em registro, de escrever pra ele um pequenino cartão, sobre os fundamentais aprendizados que ele me presenteou. ele leu - e brilhou. eu me emocionei. me emociono com todos os brilhos existentes e resistentes à dureza cotidiana. sonho um lindo cotidiano, tento construir um lindo cotidiano - você me alimenta esse aprendizado e essa vontade.

espero que o sorvete e a conversa com paulo freire estejam deliciosos por aí.

penso que talvez a única apropriação possível das fotografias jornalísticas, da fotografia política, seja pelo fragmento. pela questão, pela dúvida, num vazio, na procura pela resposta - por assim sendo: pela lacuna. pela descentralização numa identidade.

como dar conta de questões violentas sem expor, sem escandalizar, sem romantizar a violência?

pensar a lacuna e o inidentificável em Beckett²⁷
do que não assume uma identidade específica.

é uma boca²⁸

²⁷ Samuel Beckett dramaturgo, escritor irlandês (1906 - 1989).

²⁸ vídeo: NOT I disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=16rSsThMDiU&t=67s> acesso: abril. 2022.

a importância que toma a mão como
significante dos processos
a oposição à mão invisível - as mãos
visíveis em processos trabalhistas:
a insistência nas mãos:

as mãos des-invisíveis

a teoria é a máquina do tempo

a arte é a máquina do tempo

"Cheguei à teoria porque estava machucada - a dor dentro de mim era tão intensa que eu não conseguiria continuar vivendo. Cheguei à teoria desesperada, querendo compreender - apreender o que estava acontecendo ao redor e dentro de mim. Mais importante, queria fazer a dor ir embora. Vi na teoria, na época, um local de cura.

cheguei à teoria jovem, quando ainda era criança. em *The Significance of Theory*, Terry Eagleton diz:

'As crianças são os melhores teóricos, pois não receberam a educação que nos leva a aceitar nossas práticas sociais rotineiras como "naturais" e, por isso, insistem em fazer as perguntas mais constrangedoramente gerais e universais, encarando-as com um maravilhamento que nós, adultos, há muito esquecemos. uma vez que ainda não entendem nossas práticas sociais como inevitáveis, não veem por que não poderíamos fazer as coisas de outra maneira.'

(...) à todos que me permitem o diálogo intertemporal, sobretudo nesse aqui, a junção dos três tempos. na infância procurei incessante e ansiosamente por essa máquina que me permitiria voltar no tempo para desfazer dias. o tempo não volta, mas há no mundo a magia que nos permite entender melhor o passado, entender melhor o presente, imaginar (e criar) o futuro. em uma conjuntura infeliz e difícil, encontro consolo e a tal máquina do tempo nos estudos, nos aprendizados, na teoria, na arte, no cinema, na música, na poesia. caminhar junto com os que já não mais vivem nesse plano, dar continuidade ao que não se mata, ao que não morre: aos fantasmas, às ideias.

o fio condutor pulsionado pela curiosidade

injustiças que se sobrepõem e se acumulam uma sobre a outra. é difícil continuar existindo aqui.

que se sobrepõem uma sobre a outra. se acumulam. é difícil continuar aqui.

o existir dificultoso

desequilibrado sobre uma pilha imensa de lacunas e violências acumuladas

I'm desperate to start dancing again

ali não é lugar específico. ali sempre foi mais quem que onde. e quem mais onde que quem - na memória. criar lugar nas pessoas. criar lugar nos sentimentos. criar pessoas nos lugares. criar sentimento nos lugares. acho que sentir - não em maior fortuna, é estratégia de sobrevivência. problema é que a concepção dessa fortuna é também toda moldada aos tamanhos de certos objetos carregados nos pés. se o ano não fosse esse, talvez o alívio seria maior. o caminho das leituras têm se feito confuso como em toda a vida até aqui - que é difícil isso de setorizar e organizar os possíveis proveitos ou ideias retiradas pro futuro. é muita coisa no mundo no corpo e na vida atravessada, ao mesmo tempo, no mesmo dia. quero ir embora de tudo que me seca os olhos. é difícil falar as verdades tão grandes da ansiedade que Guimarães fala n'*Os cimos*²⁹ e na voz chorosa de Miguilim.³⁰

uma coragem muito grande é necessária, requerida - ainda não fiz crescer coragem tão grande assim em mim - de falar de passado bruto, de falar de medo de morte de falar das dores do agora, do medo do depois. me conheço assim desde miúda. o corpo fora de si. eu fora do corpo. a vida não parecendo ela mesma. a vida parecendo um véu. o sonho do zine feito de véu. os sonhos das performances. não tenho sonhado tanto com arte: nunca ter dimensão do que se está fazendo. é difícil estabelecer hierarquias. ler análises - que são pessoas falando sobre coisas, sobre objetos, sobre. falar sobre/falar com, aprender a ver e ouvir mais e outras cores e formas e temporalidades. o refúgio das respostas a fuga das perguntas sempre numa morada cristã: o triunfo da moral-maior. o triunfo do pânico moral.

é triste não saber o que se quer. o corpo-estático é muito pequeno em espaço interno. aprender a perceber e ativar os dispositivos de abertura - é sobre uma disposição específica corporal - posições desconhecidas que ativam novos músculos e bagunçam as funções dos órgãos - entender as coisas com o intestino, amar com o estômago, pensar com a pele. os dispositivos de abertura são, primeiro: a vida. quê acontece mexe diretamente em como as coisas são, como elas serão, como se dará essa materialização de tantos acontecimentos sutis em sua dança diária: o chão material do mundo: a economia: a cultura: a socialização em suas formas - e os silêncios também. sei falar com o corpo porque o fazer é gestual, ainda que dentro da cabeça, ainda que antes de fazer. de dentro da cabeça, já existe o gesto, ainda que não materializado. existe dança, movimentação. os dispositivos são: cinema - a parte do filme *Bixa Travesty*³¹ que Lina³², no hospital, beija seus próprios braços. dispositivo de abertura é: música - "respect the candles as they line"³³ e as interrupções de palavras que conhecemos e entendemos como existentes pelos berros de Avey³⁴, que são, também, parte da instrumentação. alguma coisa na aleatoriedade - em

dar conta de tudo, mostrar tudo - o diário indisciplinado - os momentos de silêncio e os barulhos. é a utopia que me abre várias coisas. sobreposição de vozes/texturas/barulho às vezes o som se dispersando no espaço mais disciplinado, sendo direcionado à uma coisa, um detalhe, uma memória às vezes a manifestação barulhenta do caos (cores) como confiar e ter coragem nesse corpo? a necessidade de conversar com livros. o presente não é, de fato, um só, são vários. a individualização da realidade, do tempo espaço, do céu profundo, das formas das coisas e do entendimento das coisas em si. uma distância muito grande da coisa em si e do que é entendido, os caminhos e veículos existentes entre. o estopimzinho do pensamento que ali de seu mais primeiríssimo início é enviesado pelo interesse, o interesse enviesado pela vontade, a vontade enviesada por tudo que lhe é externo, tudo que grita de fora: os introjetos. o que a gente aprende sem querer, sem ter voz-crítica pra entender, num primeiro momento, o que aquilo é e representa e qual a relação que eu quero ter com aquilo. quê guia os trabalhos costumam ser as lembranças, os sentimentos por trás, a força-movedora-transformadora e também passiva da nostalgia, que tanto desmonta e molda meu imaginário. é raro pensar a narrativa antes do trabalho, ela sempre acaba por se alterar no meio do processo...sempre me perco: em outras coisas, na impaciência do erro, no desvio da expectativa - as coisas viram outras, existe o momento de negação, o de aceitação e existe, depois, o abraço dessa mudança de caminhos. o trabalho falando por ele mesmo, decidindo seu rumo, tomando forma material no mundo, saído da cabeça.

²⁹ ROSA, João Guimarães. Primeiras Estórias. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1966.

³⁰ ROSA, João Guimarães. Manuelzão e Miguilim. Rio de Janeiro: Editora José Olympio, 1972.

³¹ filme: "Bixa Travesty", 2018. Direção: Claudia Priscilla e Kiko Goifman.

³² Lina Pereira dos Santos (Linn da Quebrada) compositora, cantora, atriz.

³³ fragmento da letra da música "#1" da banda Animal Collective

disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=k-b-OJrRQxA> acesso: abril. 2022.

³⁴ David Michael Portner (Avey Tare) compositor, instrumentista, vocalista da banda Animal Collective.

texto que se inicia e se acaba numa tentativa de dizer as mesmas coisas

a procura de imagens
a leitura de imagens
a tristeza das imagens do brasil
a tristeza das imagens

se esse corpo nasce e aprende somente suas funções economico-sociais, esse corpo morre no momento de seu nascimento. esse corpo nasce e aprende o trabalho. esse corpo nasce e aprende o sexo reprodutivo. a radical quebra dessa funcionalização é a dança. dançar pra nada, por nada, por razão nenhuma, com finalidade nenhuma.

resumo 5: uma constelação

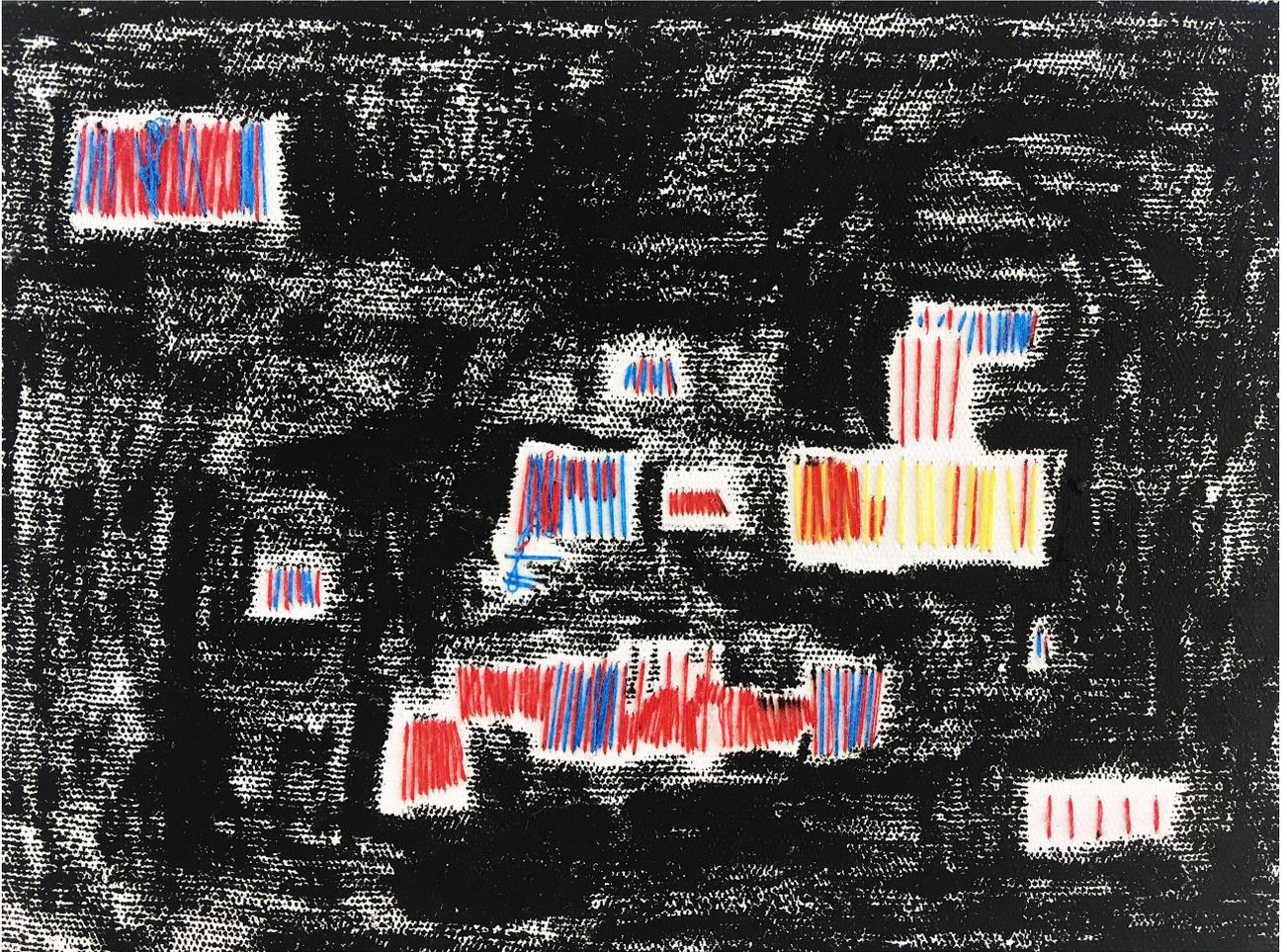
de ser vetor e o material ser sujeito



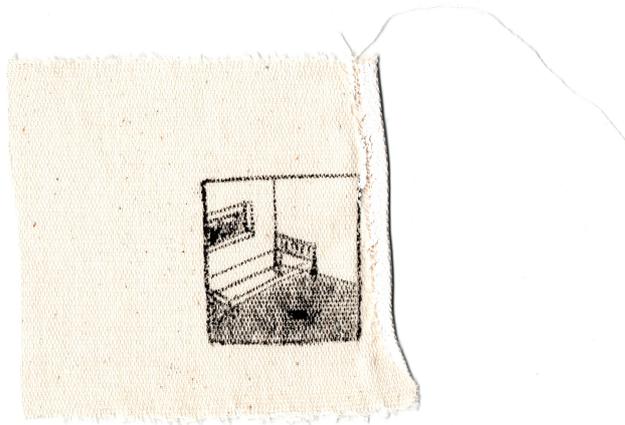
anabi | *sem título* | 2020 | guache e bordado sobre tela | 15 x 15

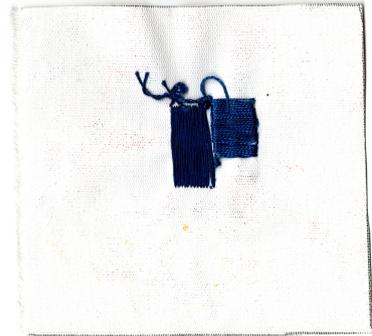
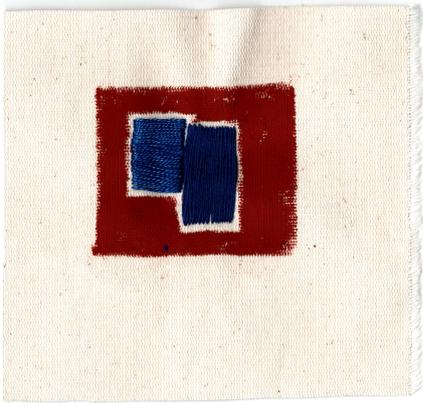
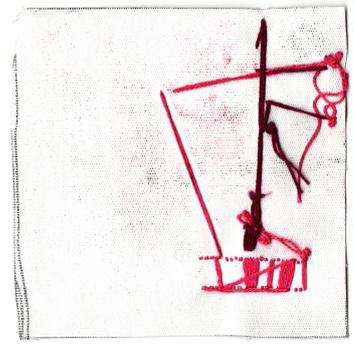


anabi | *sem título* | 2020 | guache, pastel oleoso e bordado sobre tela | 12 x 12 cm

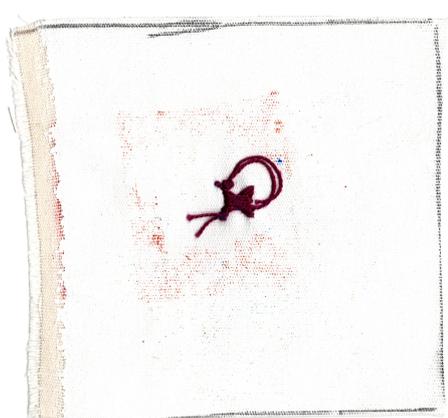
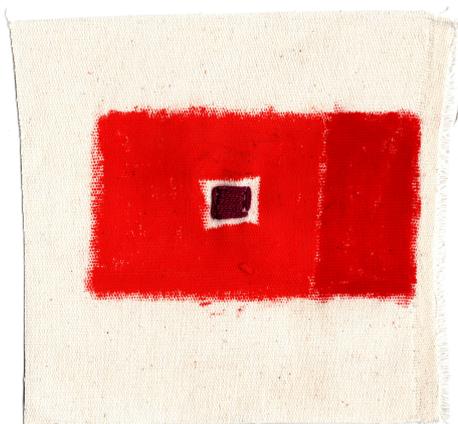


anabi | *objeto de estudo ritmico nº 1* | 2019 | pastel oleoso e bordado sobre tela | 15 x 20 cm





anabi | fragmentos da série sem título | pastel oleoso e linha sobre tela dimensões variadas (cerca de 15 x 15 por peça) | 2021



anabi | fragmentos da série sem título | pastel oleoso e linha sobre tela dimensões variadas (cerca de 15 x 15 por peça) | 2021

